

AS ÁGUAS FRIZE: UMA COMPONENTE PARA A REVITALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DE VILA FLOR

Pina, Helena

Faculdade Letras Universidade do Porto, Portugal

Martins, Felisbela

CEGOT – Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território, Portugal.
felisbela.martins@gmail.com

RESUMO: Implantadas no complexo xisto-grauváquico duriense, as Águas de Bem Saúde/Frize emergem ao longo da falha tectónica de Manteigas-Vilariça-Bragança, no Vale da Vilariça, em Sampaio (concelho de Vila Flor), na Região Demarcada do Douro.

Possuem uma longa história. Descobertas pelos romanos, foram esquecidas durante séculos por motivos religiosos e políticos. Redescobertas pela família judia Bem Saúde no século XIX, estas águas permaneceram sob exploração familiar até 1993, apresentando um historial em que se intercalaram períodos áureos com outros de declínio, decorrentes de problemas financeiros e tecnológicos.

Adquiridas em 1994 por um grupo de empresários, hoje pertencem à empresa Sumol-Compal, que as capitalizou e realizou uma completa renovação tecnológica. Este quadro, associado a um marketing aguerrido, permitiu à empresa responder de forma inovadora à exigência de um mercado ávido de novas experiências.

Esta unidade industrial de grandes dimensões, tem impulsionado a economia do concelho de Vila Flor, sendo vista como uma oportunidade de emprego para os locais, mas também para a população dos concelhos limítrofes.

PALAVRAS CHAVE: Águas Frize, Águas minerais naturais, Desenvolvimento Territorial, Revitalização demográfica, Sampaio.

ABSTRACT:

Located in the Douro schistgrauvach complex, Águas de Bem Saúde/Frize emerge along the Manteigas-Vilariça-Bragança tectonic fault in the Vilariça Valley, in Sampaio, Vila Flor, in the Douro Demarcated Region. They have a long history. They were discovered by the Romans, but were later forgotten for centuries for religious and political reasons. Rediscovered by the Jewish Bem Saúde family in the 19th century, these waters remained under a family structure until 1993, interspersing, however, golden periods with others of decline, due to a lack of financial and technological renewal. Acquired in 1994 by a group of entrepreneurs, today they belong to the company Sumol-Compal, which capitalized on them and carried out a complete technological renovation, combined with a strong marketing and which allowed the company to respond to the demands of market growth. It is a large factory that has boosted the economy of the municipality of Vila Flor, and is seen as a job opportunity for those who live in the municipality

KEYWORDS: Frize Mineral Waters, Natural mineral waters, Territorial development, demographic revitalization, Sampaio.

1. INTRODUÇÃO

Desde o tempo dos romanos até aos nossos dias, a água mineral natural “Bem Saúde/Frize” serviu como paliativo e cura de doenças do aparelho digestivo. Hoje, porém, o paradigma alterou-se, visto que através de uma campanha de marketing aguerrida, as águas Frize apresentam-se como uma bebida refrescante, ideal para momentos de descontração com amigos, absorvendo já uma quota de mercado considerável, enquanto promove o concelho de Vila Flor.

No texto agora apresentado começamos com um breve apontamento sobre as águas minerais naturais, sua origem e propriedades, para depois aprofundarmos o historial das Águas Bem Saúde/Frize. Terminamos com breves referências ao contributo destas águas no desenvolvimento local, pois trata-se de uma potencialidade endógena numa região onde persistem obstáculos ao seu dinamismo e revitalização

O estudo resulta de uma pesquisa documental aprofundada, associada a um levantamento fotográfico e trabalho de campo, que incluiu entrevistas semiestruturadas aos agentes principais que intervêm nestas dinâmicas.

2- A ÁGUA NO PLANETA. AS ÁGUAS SUBTERRÂNEAS

A água, origem da vida, é um recurso único e encontra-se em equilíbrio, graças ao ciclo da água. Mas, apesar de renovável, a água doce é esgotável. Uma parte importante provem da atmosfera, escorre em torrentes, ribeiros e rios, e apenas uma pequeníssima fração se infiltra no subsolo, dando origem a reservatórios naturais subterrâneos. Assim, surgem as águas minerais naturais e as águas de nascente.

Uma das propriedades da água é a capacidade de dissolver as mais diversas substâncias, pelo que, quando a água se infiltra no subsolo, dissolve nutrientes, mas também é enriquecida por sais minerais, cujo teor depende do tipo de rocha que a água atravessa, da sua temperatura e profundidade do aquífero. Este processo de absorção vai depender ainda do tempo que a água circula no subsolo, pois quanto mais demorado for o contacto entre a rocha e a água, maior vai ser o seu grau de mineralização. Finalmente, quanto maior for a profundidade a que a água circula, mais elevada vai ser a temperatura e a dissolução e teor de sais minerais absorvidos. Tudo isto proporciona águas subterrâneas sempre diferentes, identitárias da sua origem e do subsolo por onde circulam.

3 – ORIGEM E IDENTDADE DE UMA ÁGUA MINERAL NATURAL (ENGARRAFADA) DE QUALIDADE

3.1 – Origem: um puzzle hidrogeológico

O território português é rico em águas minerais naturais e no norte estas encontram-se diretamente relacionadas com dois grandes acidentes tectónicos: a falha Penacova–Régua-Verin e a falha Manteigas–Vilariça–Bragança. Esta última, com orientação NNE-SSW, estende-se ao longo de cerca de 250 km, desde Manteigas até Bragança, penetrando ainda em território espanhol (figura 1).

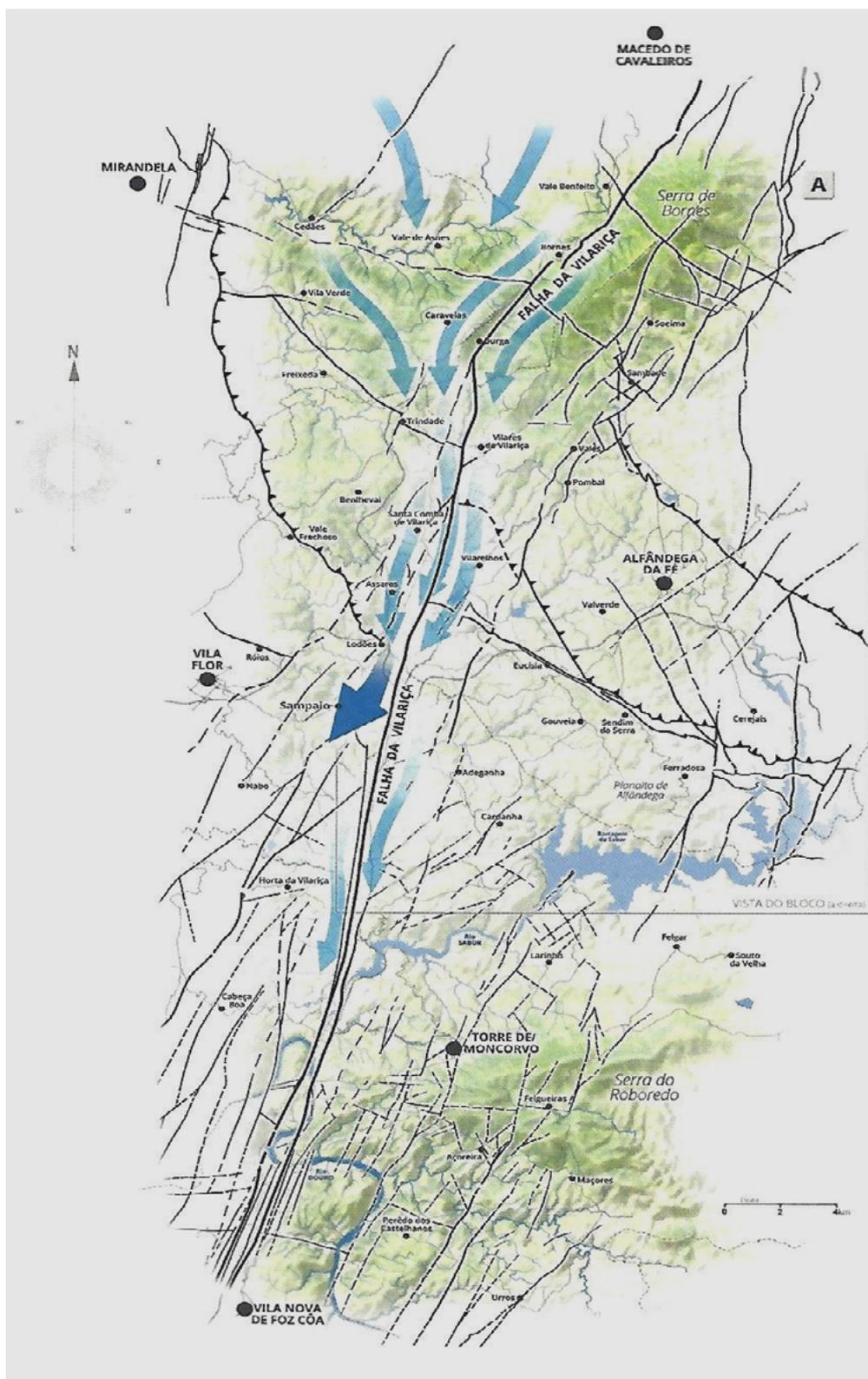


Figura 1 – Falha da Vilarica e suas subsequentes. Fonte: (Campos, 2019,14)

Na realidade, esta estrutura é composta por um conjunto de várias falhas paralelas que rasgam as sequências rochosas desde a superfície até atingirem grande profundidade. As águas das chuvas que se infiltram são conduzidas ao longo da grande falha, atingindo no vale da Vilariça mais de 500 metros de profundidade, pelo que dissolvem o dióxido de carbono e aquecem ligeiramente, ressurgindo águas gasocarbónicas hipotermiais (Vieira, 2019). Água gaseificada naturalmente, decorre da combinação de vários fatores como a permanência do aquífero a grande profundidade, da elevada temperatura do subsolo e do contacto com várias camadas de rochas graníticas. (*idem*) Esta água percorre a falha no seu longo trajeto, descendo lentamente para sul e emergindo à superfície quando atravessa o vale da Vilariça, muito fraturado (figura 1).

São águas gasocarbonatadas, hipotermiais, com mineralização elevada, bicarbonatadas sódicas e com elevadas concentrações de fluor e CO₂ (Vieira, 2019). É uma água mineral com gás 100% natural, de acordo com a legislação em vigor, a Lei nº 54/2015, de 22 de junho: “água bacteriologicamente própria, de circulação subterrânea, com particularidades físico-químicas estáveis na origem, dentro da gama de flutuações naturais, de que podem resultar eventuais propriedades terapêuticas ou efeitos favoráveis à saúde”. Recordemos que o que distingue uma água mineral natural das restantes é a sua estabilidade, pois ao possuírem uma circulação profunda, com interação entre a água e a rocha que se prolonga por dezenas a milhões de anos, tal confere-lhes uma composição química específica que as torna únicas.

3.2 - As Águas minerais naturais Bem-Saúde e Frize.

O exemplo aqui analisado localiza-se na Região Demarcada do Douro (RDD), na freguesia de Sampaio, a sul de Vila Flor, em pleno Vale da Vilariça. Aqui emergem as águas minerais naturais Bem Saúde e Frize, outrora conhecidas por Águas de Fonte Santa. ¹

“Há séculos que as águas de Bem-Saúde são conhecidas pelo seu valor terapêutico e verdadeiras águas de mesa” (Morais, 1956,7). Provavelmente, as suas virtudes medicinais eram conhecidas dos romanos “que ali erigiram uma ara votiva”², todavia as águas terão permanecido ignoradas até ao século XV, quando foram redescobertas por judeus e cristãos novos. Segundo Morais, “Bem Saúde ou Bensaúde é claramente um nome hebraico. Supõe-se

¹ - Ata da Câmara de Vila Flor, 25 de novembro, 1876.

² - Andrade, J. (1999): “Caminhos Nordestinos de judeus e marranos”, Terra Quente, 15 de dezembro.

que a quinta de Bem-Saúde tomou o nome de alguns dos muitos israelitas, apelidados Bensaúde, que viveram em Vila Flor no século XV” (Morais, 1956, 28). Com a sua expulsão, “venderam todos os seus haveres compostos de terras, vinhas, olivais e as águas minerais” (*idem*), pelo que durante gerações, a quinta terá tido vários donos e as águas deixaram de ser exploradas. Continuaram, porém, a ser conhecidas, já que foram mencionadas por Francisco da Fonseca Henriques, que as descreve no Aquilégio Medicinal em 1726, como fonte Vitriólica.

As referências escritas por este médico do rei D. João V, indicam que “no lugar de Lodões, termo de vila de Sampayo, comarca de Moncorvo, há uma fonte de uso comum, que lança água em grande abundância (...) é boa para preservar de obstruções, e para as curar, e para não gerar pedras, nem areias” (Henriques, 1726). Ainda, segundo o “Novo Aquilégio Medicinal” (2002)³, as águas foram mencionadas pelo médico Francisco Tavares em 1810, com o nome de Lodões, e classificadas como “gasosa, carbónica, fortemente impregnada, conservando o sabor, ainda que mais fraco, depois de ficar exposta ao ar livre por mais de 24 horas”. Segundo a mesma fonte, também no século XIX foram citadas por António Ferreira de Macedo Pinto na “Topografia médica e estado Sanitário do Distrito de Bragança” (1836) e pelo Ministério das Obras Públicas (1867), onde se dá conta que não tinham proprietário. De facto, devido à Inquisição, estas águas privadas passaram a ser do domínio público. Só com o regresso dos Açores dos descendentes judaicos (1820), a família Bem-Saúde abriu uma firma que explorava as águas localizadas na quinta do mesmo nome.

Já na segunda metade do século XIX, a quinta foi adquirida pelo farmacêutico José Manuel Teixeira Malheiro que continuou a obra dos Bem Saúde realizando melhoramentos na quinta, (Morais, 1956,29). Conhecedor das potencialidades destas águas, em 1876 pediu autorização à Câmara de Vila Flor para que se fizessem obras nas nascentes, afetadas por grandes temporais que inutilizaram as nascentes. Teixeira Malheiro desejava restaura-las, construindo um edifício com as condições sanitárias e técnicas já existentes noutras fontes termais do país⁴. Na sequência deste pedido, a 7 de novembro de 1876, a Câmara de Vila Flor, perante problemas financeiros, cedeu o direito de exploração ao proprietário da quinta, num contrato entre esta edilidade e Teixeira Malheiro, autorizado a explorar as Águas de Fonte Santa. A

³ -Bastos, C. *et al* (2002). “Novo Aquilégio Medicinal”, <http://www.aguas.ics.ul.pt/> (consulta:22/02/2022).

⁴ - Ata da Câmara Municipal de Vila Flor, 25 de Novembro 1876.

concessão prolongava-se por 99 anos, no fim dos quais as águas revertiam para o Município⁵. Entretanto, o proprietário encanaria a água de modo a que ela preservasse as suas qualidades medicinais e ficasse resguardada num edifício próprio.

O proprietário devia também fornecer, gratuitamente, a todos os moradores do concelho as águas que precisassem para o seu uso habitual, para além de as poder vender e até exportar. Dadas as suas qualidades excepcionais, em 1879 estas águas foram premiadas na exposição do Rio de Janeiro.

Entretanto, os problemas sucediam-se, pelo que, após a morte de José Manuel Teixeira Malheiro, seu filho, Artur Malheiro, também farmacêutico, em 1890 teve que hipotecar a quinta e as águas por dificuldades financeiras, acabando por as vender à sociedade “Meneses Lopes e C.^ª”, com sede na cidade do Porto. Passou a ser sócio gerente Belmiro Benevenuto de Matos e Sá, residente em Vila Flor, seguindo-se “novos e prósperos melhoramentos” (Morais, 1956, 30), que sustentaram a constituição da “Empresa de Águas de Bem-Saúde” (1894), ativa até 1905. A partir desta data, formou-se uma nova empresa denominada “Companhia das Águas de Bem Saúde”, capitalizada, revitalizadora dos depósitos comerciais de água já existentes em Lisboa e no Porto. “Começaram por realizar mais e perfeitas captações das águas da fonte nº1, que antes era “fonte Bem Saúde” com a fonte Santa, fonte Albina e fonte Marco, com tubos de vidro, bem como levantamentos topográficos, estudos geológicos, defesa da *buvett* contra os temporais, ajardinamento do local e plantações de arvoredos” (Morais, 1956, 31).

Se de início, sob a gerência de Matos e Sá, a companhia teve grande sucesso, com o desentendimento entre os sócios, em 1934 a quinta de Bem Saúde e a exploração das águas ficaram inativas, até serem compradas pelo médico Armindo de Morais, natural de Vila Flor. Comprou a quinta, os bens da Companhia e a concessão da exploração das águas reconstruindo “a *buvette* nº1, edificando outra em moldes modernos e turísticos. Seguiram-se estudos, saneamentos, outras construções, urbanização apropriada das dependências do estabelecimento hidromineral, arruamentos e estradas com arborização indispensável ou mais aconselhável para os setores que embelezam o lugar de Bem-Saúde” (Morais, 1956, 33) (figura 3).

Neste contexto, quando a fonte nº 1 deixou de responder às solicitações do mercado nacional e ultramarino, abriu-se mesmo uma nova fonte, a fonte nº 2 – Sampaio. Construiu-se também

⁵ - Ata da Câmara de Vila Flor, 1 de Julho, 1877.

uma nova *buvette* e acessos que contribuíram para a sua estabilidade comercial, para além de dotarem as instalações com os serviços hidrológicos inerentes à exploração das águas engarrafadas. (Figura 4).

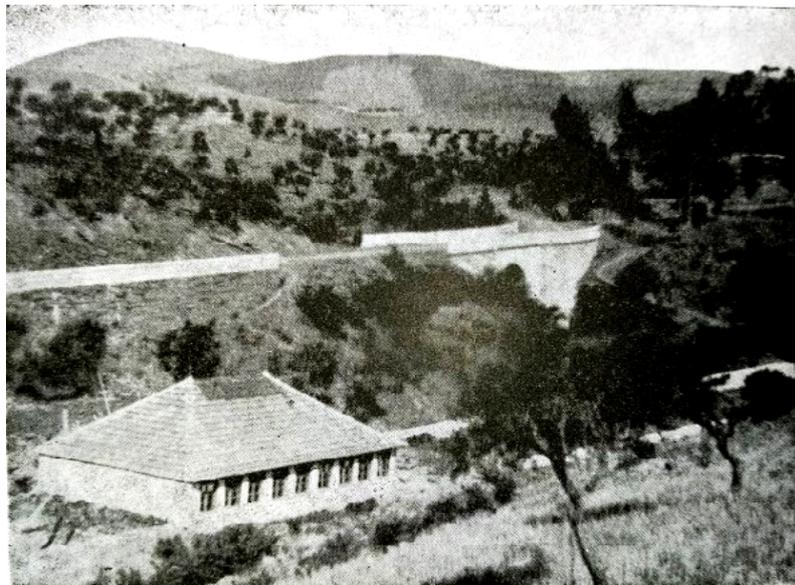


Figura 3 – Fonte nº1. Fonte: (Morais, 1956, 29).



Figura nº 4 – Fonte nº2. Fonte: (Morais, 1956, pág. 45).

“O estabelecimento termal foi dotado de edificações para o pessoal, armazéns, oficinas de lavagem e esterilização do vasilhame, de rotulagem, enchimento, balneário para o pessoal, serviços sanitários e uma casa de receção para os visitantes com o respetivo salão de chá” (Morais, 1956, 33).

O Dr. Arlindo de Moraes foi concessionário das Águas de Bem-Saúde por mais de 40 anos consecutivos, tendo dado um grande impulso à sua exploração que atingiram o período áureo em 1967, quando foram produzidos 112 milhares de litros (Tabela I).

Tabela I - Produção das águas minerais Bem Saúde, em milhares de litros, desde 1959 a 1970.

	1959	1963	1967	1970
Águas Bensaúde	32	61	112	91

Adaptação das autoras: (Carneiro, 1971)

Mas com o decorrer dos tempos a exploração tornou-se obsoleta face à industrialização crescente doutras águas engarrafadas, degradando-se o cenário em termos estruturais, logísticos e financeiros. Com a morte de Arlindo de Moraes, em 1977, estas águas e o respetivo alvará foram herdados, em 1980, por Francisco de Moraes, seu sobrinho também médico. Neste período, a exploração das Águas de Bem Saúde voltou a parar, integrando-se no seu espólio duas fontes com capacidade de 5 mil litros/hora, em furo artesiano, a que se adicionavam 12 mil litros/hora, por sistema de bombagem”⁶. Foram encerradas “por falta de decisão e iniciativa dos concessionários que têm nas mãos a possibilidade de fazer do local uma estância termal e promover o engarrafamento e comercialização das melhores águas do país, [mas] nada se tem feito, continuando-se a perder uma riqueza natural que corre para o rio” (*idem*).

O concessionário, porém, encontrava-se numa encruzilhada. No “Mensageiro de Bragança” (1984) afirmava: “Meu tio, de quem eram esta águas, fez a sua exploração artesanal durante mais de 20 anos, com duas mulheres a chegarem a garrafa à bica, a capsularem, rotularem e a exportar, principalmente para o Porto. Desde que o meu tio faleceu, em 1977, eu procedi à abertura destes dois furos, em 1979 e 1980, respetivamente, e ainda não consegui relançar as Águas que agora terá de ser em moldes diferentes, com uma linha de engarrafamento e de maquinaria muito mais sofisticada, o que acarreta investimentos da ordem dos 100 mil contos, dinheiro que não tenho”. Continuando afirmava, “os preços de distribuição e as dificuldades de exploração destas águas (que terá de ser vasilha individual de vidro escuro e tara perdida) são bastante onerosos. A dificuldade principal reside, pois, no facto de se conseguirem

⁶- Mensageiro de Bragança, 27 de julho de 1984.

encontrar entidades associativas que possam ajudar o seu relançamento”, a modernização das instalações.

O desaproveitamento comercial destas águas levantou uma polémica acesa em Vila Flor, defendendo uns que as fontes deveriam ser vendidas para exploração comercial, enquanto outros privilegiavam a inatividade, pois a população poderia beber-las gratuitamente. Para o autarca de então “A implantação de uma linha de enchimento automático da estância de Bem-Saúde proporcionaria, além de outros óbvios benefícios, a possibilidade de emprego a cerca de 60 pessoas divididas por três turnos de trabalho ininterrupto, abrindo algumas alternativas à atividade agrícola dos cerca de 400 habitantes dos 150 fogos – tantos quantos compõem a aldeia de Sampaio”⁷. Outros empreendimentos adviriam ainda da exploração das Águas de Bem-Saúde para o Município, promovendo-se o desenvolvimento turístico da região. Não obstante, ninguém se mostrou interessado em investir nas Águas, correndo-se o risco da concessão reverter para o Estado português.

Depois de encerradas cerca de uma década, as Águas de Bem-Saúde acabaram por ressurgir. Efetivamente, surgiram dois compradores e Francisco Morais, que antes nunca abdicara dos seus 51% da sociedade, aceitou realizar uma sociedade tripartida em equidade percentual para cada sócio, como se lê no jornal “Terra Quente” de 1 de junho de 1991. Finalmente, as Águas de Bem Saúde iriam renascer.

Esta sociedade criada entre o Dr. Francisco Morais Carvalho e a Gestágua, empresa lisboeta, projetou um ambicioso programa que incluía na primeira fase a construção de uma linha de engarrafamento, projeto apresentado à Câmara de Vila Flor em setembro desse ano. Existia também uma segunda fase para revitalizar as nascentes Bem-Saúde, adaptando as casas antigas e construindo um hotel, piscinas, pequenos parques e campos de jogos “com o objetivo de criar uma estância termal, esperando que este empreendimento pudesse vir a transformar-se num dos maiores polos de desenvolvimento da região”⁸. A sociedade foi constituída, mas os dois sócios lisboetas venderam rapidamente a sua quota a João Rendeiro que criou a empresa “Águas de Bem Saúde S.A.” e a marca FRIZE, perspetivando-se “alterar

⁷ Ferreira, A. (1980): “Vila Flor da Terra Quente. Tem problemas que escaldam. Águas de Bem Saúde: uma riqueza atirada a sete metros de altura”, *Jornal de Notícias*, 7 de abril de 1980.

⁸ Morais, C. (1991): “Em Sampaio, depois de muitos anos paralisadas, Águas de Bem Saúde vão ser uma realidade”, *Jornal Terra Quente*.

os hábitos de consumo de águas com gás em Portugal, associando-se a sede ao prazer e afastando-se da utilização clássica de ajudar à digestão”⁹

Em 1997 a empresa foi vendida ao príncipe Saidi da Arábia Saudita¹⁰ e João Rendeiro abandonou o negócio. Em 1999, a empresa foi comprada pela Compal que, entretanto, tinha adquirido a totalidade do capital social, um negócio intermediado pelo Banco Privado Português (Telesis, 85%) e a Metalgest (15%), de Joe Berardo. À data empregava 16 funcionários, mas representava já 7% do negócio das águas minerais naturais de Portugal.

Desde o início da década de noventa até à compra da empresa pela Compal, as águas foram comercializadas pela “Fonte Natura”, uma das três empresas portuguesas associadas às águas com gás, que, numa estratégia inovadora, apostaram no escoamento das Águas Frize através dos hotéis, restaurantes e cafés, subalternizando-se as vendas das Águas Bem Saúde, agora direcionadas para as grandes superfícies comerciais do país.

Entre as inovações é imperioso realçar, em 2002, o lançamento em Portugal da primeira água de gás com sabor- Frize limão, seguindo-se-lhe, em cada ano, um novo sabor: maçã, figo, maracujá, tangerina, morango, lima, gengibre, cola, entre outras. A mais recente é a Frize Rodela de limão (2019). Este processo foi sempre acompanhado por campanhas publicitárias modernas, inovadoras, que desconstruem os estereótipos da água com gás com fins meramente medicinais, surgindo uma bebida refrescante, cheia de atitude, indissociável dos acontecimentos sociais.

Na atualidade, as Águas Frize e Bem Saúde ocupam a segunda quota de mercado, no que diz respeito às águas minerais naturais¹¹. Para isso, tem contribuído a moderna unidade fabril Sumol-Compal,¹² localizada em Sampaio (figuras 6 -7), bem equipada com duas linhas de enchimento, uma para as Águas Frize e outra para a linha branca/Águas Bem-Saúde.

⁹ - [Http://www.frize.pt](http://www.frize.pt) (consulta, 01-02-2022)

¹⁰ - Meireles, A. (1997): “João Rendeiro faz negócio por 1,2 milhões de contos. Príncipe árabe compra Frize”, O Público, 23 de maio.

¹¹ - Entrevista aos administradores da empresa de engarrafamento Frize/Bem-Saúde, 21 de dezembro de 2018.

¹² - Em 2009 verificou-se a fusão entre a Sumolis e a Compal, resultando a empresa Sumol-Compal.



Figura 6 – Fábrica de engarrafamento das Águas Bem Saúde/Frize em Sampaio, em 2022.
Fonte: Fotografia das autoras, 2022.



Figuras 7 – Fábrica de engarrafamento das Águas Bem Saúde/Frize em Sampaio, em 2022.
Fonte: Fotografia das autoras, abril, 2022

Desde os furos e depósitos de acumulação da água, até às instalações de engarrafamento, tudo é automatizado, assim como o encapsulamento e a rotulagem, o que se traduz numa melhoria das condições de trabalho dos funcionários, agora controladores dos equipamentos. Acresce que a análise e o controle da qualidade, ou a própria segurança, são apertadíssimos, pois um dos lemas da empresa é “segurança; zero acidentes”.

Hoje emprega 27 funcionários, divididos em dois turnos, tendo registado 52 em 2005, quando atingiu o seu auge. Aliás, quando o mercado assim o exige, a fábrica funciona em 3 turnos, angariando os funcionários através de uma empresa de recrutamento de emprego.

No início do século XXI, a maioria dos trabalhadores tinha a 6ª classe, nível básico, a que se adicionava uma formação interna na empresa. Em 2022 a maioria tem o 12º ano ou superior, mas mantendo-se a formação interna. A maioria dos funcionários reside em Sampaio ou em freguesias contíguas, sobressaindo a sede concelhia, Vila Flor, mas também em concelhos próximos. Existe ainda uma correlação direta entre a formação e a naturalidade/residência dos funcionários, pois quanto mais especializadas as funções, maior é a dispersão territorial dos técnicos, sendo alguns oriundos de Vila Real, mas também do Porto e de Lisboa.¹³

Diariamente saem da fábrica de Sampaio cerca de 42 000 garrafas de água mineral natural, distribuída pelo país e pelo mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num espaço rural privilegiado em termos paisagísticos e patrimoniais, mas onde o declínio demográfico e económico é inquestionável, como sucede nos concelhos raianos durienses, designadamente em Vila Flor, há que potencializar todos os recursos endógenos para a sua revitalização, sobretudo se estamos perante águas minerais naturais distintivas, gasocarbonatadas, com elevada mineralização, como são as águas Frize/Bem Saúde.

Implantadas na falha Manteigas-Vilariça-Bragança, estas águas possuem uma longa história em que se intercalam períodos áureos com outros de declínio que incluíam o encerramento temporário, na sequência de problemas técnicos e financeiros. Similarmente, asseguravam-se empregos e, com isso, a permanência da população local, a manutenção de um património e de uma identidade local. Efetivamente, reunia-se aos parques rendimentos agrícolas, os decorrentes dos serviços prestados na fábrica de engarrafamento, atividade industrial complementar dos serviços públicos, concentrados na sede concelhia, disponibilizados pela Santa Casa de Misericórdia local e, obviamente, pelas entidades públicas. Assim surgiu a exploração e engarrafamento das Águas Frize/Bem Saúde, em Sampaio, “uma verdadeira tábua de salvação (...) para o Concelho de Vila Flor. É bom para eles, que comercializam a água, e para as pessoas, porque têm postos de trabalho”¹⁴. O mesmo afirmou o presidente da junta de freguesia em 2007 que acreditava “que a fábrica tem contribuído para a fixação da população na freguesia e no concelho. Caso contrário, há muitos jovens que teriam partido para o litoral ou para o estrangeiro...”. (*idem*)

Assim se dinamiza de uma forma sustentável um espaço rural, dadas as indiscutíveis potencialidades destas águas minerais. Subsiste uma questão: estarão a ser exploradas todas as suas virtualidades? Será

¹³ - Entrevista aos administradores da empresa de engarrafamento das águas Frize/Bem Saúde (dezembro de 2018) e ex encarregado da manutenção da Sumol-Compal, (abril de 2022).

¹⁴ - Habitante de Sampaio, in Jornal Nordeste, outubro 2007.

estratégica a exploração da tão ventilada vertente Termal, do turismo de Saúde e Bem-Estar? É uma das vertentes estratégicas valorizadas nos atuais planos de desenvolvimento regional.

2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, J. (1999): “Caminhos Nordestinos de judeus e marranos”, *Jornal Terra Quente*, 15 de dezembro.

Ata da Câmara Municipal de Vila Flor, 25 de Novembro 1876.

Ata da Câmara de Vila Flor, 1 de Julho, 1877.

Bastos, C. *et al* (2002). “Novo Aquilégio Medicinal”, <http://www.aguas.ics.ul.pt/> (consulta:22/02/2022).

Campos, N. (2019). “Cabeço da Mina, Vale da Vilarica – Vila Flor”, ArqueoHoje Lda., Município de Vila Flor.

Carneiro, F. (1971). “Potencialidades Minerais da Metrópole: base firme de desenvolvimento industrial do país”, Ministério da Economia, Secretaria Geral da Indústria.

Diário da República, Lei nº 54/2015, de 22 de junho.

Ferreira, A. (1980): “Vila Flor da Terra Quente. Tem problemas que escaldam. Águas de Bem Saúde: uma riqueza retirada a sete metros de altura”, *Jornal de Notícias*, 7 de abril de 1980.

<http://santacombadavilarica.blogspot.com/2011/06/falha-da-vilarica-ao-que-parece-nossa.html>.(consulta:01/02/2022).

<http://www.frize.pt> (consulta: 01-02-2022)

Jornal Nordeste, outubro 2007.

Meireles, A. (1997): “João Rendeiro faz negócio por 1,2 milhões de contos. Príncipe árabe compra Frize”, *O Público*, 23 de maio.

Morais, A. (1956). *As Águas de Bem-Saúde.1936/1956. O vigésimo aniversário da concessão em nome do Dr. Armindo de Moraes*. Edições Maranus.

Morais, C. (1991). “Em Sampaio, depois de muitos anos paralisadas, Águas de Bem Saúde vão ser uma realidade”, *Jornal Terra Quente*.

Silva, J. (1880). “As águas alcalino-gazosas do Bem-Saúde”. Coimbra, Imprensa da Universidade.

Vieira, A. *et al* (2019). *Cabeço da Mina. Vale da Vilarica. Vila Flor.2019 Município de Vila Flor*. ArqueoHoje Lda.